



RNAmensageiro

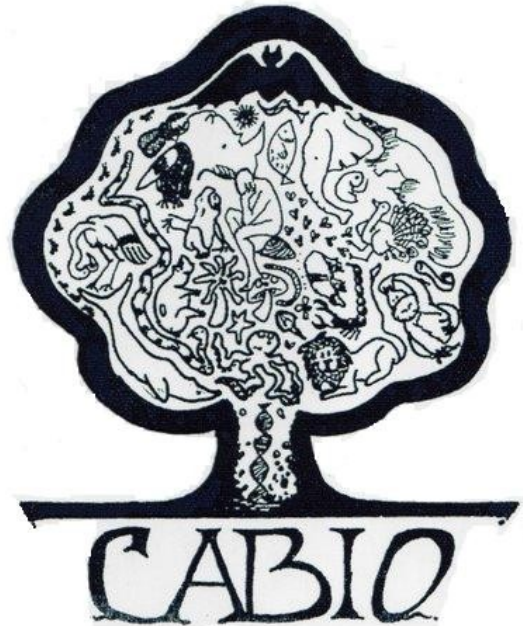
Iniciação Científica Matérias da Fisiologia

Nº 3 – 2009 / Maio

EDITORIAL

Olá estudantes da Bio. Mais um RNAm saído do forno. Nessa 3ª edição, temos alguns textos que falam sobre as apresentações de iniciações científicas, sobre o histórico dos problemas na matrícula de Fisiologia Animal BIF0217, sobre o Encontro Regional de Biologia (EREB) que vai acontecer logo mais, sobre política de bolsas de pesquisa, entre outros textos. Há também algumas notas que relatam, entre outras coisas, a greve dos funcionários e a mobilização dos estudantes. Esperamos que essa nova edição consiga informar e também fomentar debates entre os estudantes. Por fim, para quem quiser contribuir nas próximas edições com algum texto, é só enviá-lo ao e-mail do CA: sphncabio@gmail.com. Desejamos a todos boa leitura.

**SPHN-CABIO
Gestão "Candeia" 08/09**



ÍNDICE

Notas do CA.....	02
As últimas assembleias.....	03
Pra quê espaço de vivência...04	
Pra quê as pessoas do CA.....05	
Iniciação científica	06
Matérias da Fisiologia.....	10
EREB-SE.....	13
Momento Lúdico.....	14

NOTAS DO CA

Nota de pesar

O CABio gostaria de deixar registrada a sua homenagem à memória do grande professor Crodowaldo Pavan que faleceu no último dia 3 de abril.

Estatuto do CABio

A nova proposta de Estatuto do CABIO foi aprovada nos últimos dias 22/4 e 23/4 em assembléia extraordinária sobre o tema. Com essa aprovação, só resta ao CA enviar ao cartório, além da ata de Assembléia Estatuante, as atas de eleição e de posse recolhidas desde 1999 pela última gestão do CA. Na próxima edição do jornal, esperamos ter novos e positivos informes a respeito da regularização jurídica da entidade.

Reunião Aberta com a CG

No dia 23 de Abril de 2009, foi realizada uma reunião aberta com a Comissão de Graduação e estudantes. A reunião teve caráter deliberativo sobre a forma de apresentação dos trabalhos de iniciação científica no Instituto de Biociências da USP.

No final do ano passado, a Comissão de Graduação optou por mudar a forma de apresentação dos trabalhos, de apresentação oral para apresentação com painel. No entanto tal decisão não obteve adesão dos estudantes do instituto.

Durante a assembléia foram apresentadas as razões para tal mudança que se baseavam principalmente no fato de que nem todos os docentes se disponibilizam para realizar a avaliação dos trabalhos, participando das bancas. Conseqüentemente, houve avaliações nas quais somente um professor participou da banca. Além disso, sempre os mesmos professores compunham diferentes bancas, problema esse desnecessário uma vez que há diversos professores no IB que poderiam formá-las.

Os alunos mostraram-se totalmente insatisfeitos com o novo tipo de apresentação, e levantaram alguns argumentos sobre a importância de uma apresentação oral na formação acadêmica, uma vez que esse tipo de apresentação é amplamente utilizado em congressos científicos, apesar de não ter sido bem abordado nas graduações de anos anteriores. Além disso, a apresentação oral foi defendida como mais construtiva no sentido de ampliar o debate e a discussão entre os professores e o orientado.

Os presentes lançaram ideias a fim de amenizar os problemas apresentados pelos professores com relação à apresentação oral, como a possível participação de pós-graduandos na banca avaliadora (uma vez que ao menos um professor tem que estar presente para dar nota ao aluno) e extensão do número de dias. Tais propostas visam diminuir o número de horas de dedicação de um professor na avaliação de trabalhos durante um dia.

Outra proposta apresentada foi a apresentação de resumos dos trabalhos na Revista de Biologia com intuito de promover maior divulgação dos trabalhos. Para aqueles que decidirem pela apresentação oral, será solicitado um resumo do estudo para análise prévia dos professores. Tal resumo também será submetido à Revista de Biologia, garantindo assim uma maior presença dos graduandos na Revista e fomentando o projeto de divulgação científica do Instituto.

Ao fim do debate foram encaminhadas três propostas: apresentação por painel, apresentação oral e flexibilidade, podendo o aluno optar por qual seria a forma mais adequada de apresentar seu trabalho. Os resultados da votação foram: nenhum voto para apresentação em painel, 12 votos para apresentação oral e 15 votos para flexibilidade e escolha do aluno.

Portanto, a proposta de livre escolha do estudante venceu garantindo flexibilidade do sistema de apresentação. Tal sistema passa a vigorar a partir do semestre vigente, com apresentações marcadas para junho. Todavia, nos próximos semestres os meses de apresentação serão maio e novembro.

Curso de formação

O NEP XIII de maio é um grupo que desenvolve cursos de formação política e econômica de forma didática. Através de dinâmicas e debates, o monitor do NEP esclarece elementos sobre o funcionamento da sociedade e introduz conceitos de economia de forma simples, desmistificando questões que muitas vezes parecem intangíveis.

Este curso é adotado pela ENEBio – Entidade Nacional dos Estudantes de Biologia – e já foi ministrado nos CFPBio – Cursos de formação política dos estudantes de Biologia – das regiões Sul e Sudeste.

Participem
VAGAS LIMITADAS

Se inscrevam com: Flavião 04N; Xuxu 06D; Piui 06N ou Chopin 08D

CALENDÁRIO

05/05 - paralisação com os debates (Ver texto "As últimas Assembleias e o Espaço do DCE")

05/05 - café com bolacha no CA sobre a greve dos funcionários e sobre a mobilização dos funcionários as 13hrs e as 18hrs, no CABio.

07/05 - assembléia geral dos estudantes da USP
16 e 17/05 – Curso de formação

OBS: Novas atividades podem ser incorporadas ao calendário, portanto fiquem atentos aos avisos no CABio, no blog e nos CABio informa via email.

As últimas assembleias e o espaço do DCE

A assembleia geral da USP do dia 23/4 tratou sobre os temas "corte de verbas", "Univesp" e "Repressão". Quanto à questão de "corte de verbas", O aluno Juliano Polidoro (Xuxu) deu o informe na assembléia de que o orçamento da USP aumentou e não diminuiu 20% como o DCE e outros campos do movimento estudantil estavam afirmando. O orçamento da USP no primeiro trimestre teve um pequeno aumento de R\$10mi em seu orçamento em relação ao primeiro trimestre do ano passado. Nesse sentido, ao invés de protestar contra um suposto corte de verbas, as resoluções políticas da assembleia apontaram para reivindicação de aumento das verbas e para a vinculação do orçamento ao PIB e não a um imposto específico. Quanto à Univesp, a assembleia geral reafirmou posições das últimas assembleias de Campus e se posicionou contra o programa Univesp (Universidade Virtual do Estado de São Paulo). Por fim, a assembléia se posicionou contra à repressão política a entidades e militantes estudantis e aos trabalhadores. Houve deliberação de paralisação no dia 5/5 (terça-feira) com cronograma elaborado (debate com reitoria e secretaria de Ensino Superior de manhã e debate com DCE Unicamp, DCE Unesp, DCE USP, Adusp e Sintusp à tarde). Os debates serão focados nas pautas colocadas nas últimas assembléias.

Além disso, a assembleia (com maioria de estudantes do Butantã) deliberou pela não-participação do movimento estudantil da USP no Congresso da UNE (Conune), apesar de existir resoluções do IX Congresso dos Estudantes da USP e do Estatuto do DCE (dois documentos hierarquicamente superiores às resoluções de assembleias) que apontem a participação dos estudantes da USP nos fóruns da UNE.

Por fim, como indicado no último Conselho de Centros Acadêmicos (CCA), os estudantes ocuparam a sede do DCE reformada. A decisão foi tomada após negativa da reitoria em repassar parcela dos aluguéis das empresas anexas ao DCE (Edusp, Farmácia, entre outras). A ideia foi ocupar a sede histórica do DCE já reformada e negociar com a reitoria a autonomia financeira da entidade. Na segunda-feira passada (27/04), a reitoria sinalizou o repasse de 70% dos aluguéis para o Diretório Central dos Estudantes.

Em assembléia do mesmo dia, o DCE propôs uma carta que sinalizasse um primeiro diálogo com a reitoria. A carta aprovava a proposta de repasse e aproveitava para fazer algumas outras reivindicações em relação ao espaço (autonomia do uso do saguão pelo DCE e direito a outras duas salas do espaço para garantir uma política de auto-financiamento da entidade) antes da assinatura do termo de uso. Entretanto, em uma assembléia esvaziada, os estudantes presentes deliberaram por não assinar a carta e fecharam o canal de diálogo que havia sido criado.

**SPHNCABio
Gestão Candeia 08/09**

NOTA DO CABIO:

O CABio pede que os estudantes da biologia participem mais das assembleias. A questão do espaço do DCE balizará as decisões de todos os outros espaços estudantis. Se não obtivermos vitórias lá, será muito difícil conseguirmos grandes avanços em relação ao nosso espaço.

Estamos em via de conseguir a regularização de nossa entidade, algo que demorou mais de uma gestão para se concretizar. Com isso poderemos começar a negociar a nossa reforma do CABio. Porém, caso a ocupação do DCE não cause avanços na questão dos espaços estudantis, nossa mobilização aqui será prejudicada. Portanto, participem.

O Espaço do DCE é o espaço dos estudantes da USP e é o modelo para todos os outros espaços nos cursos.

Pra quê Espaço de Vivência

Escrevemos esse texto para expor as nossas opiniões a respeito do espaço de vivências do Centro Acadêmico. Desde o ano passado, o CA está se esforçando bastante para garantir a regularização jurídica da entidade e iniciar as discussões de negociação da reforma. Enquanto isso, gostaríamos de fomentar o debate sobre o próprio significado e sobre as possibilidades de uso de nosso espaço de vivências e a conseqüente importância de uma reforma estrutural do espaço. O texto acaba trabalhando bastante a relação dos espaços estudantis com o movimento estudantil, uma perspectiva que nós não poderíamos deixar de trabalhar. No mais, esperamos que boas notícias a respeito do espaço surjam nas próximas edições desse jornal.

Rua do Matão, travessa 14, s/n. Esse é o endereço de um lugar amado por muitos. Lá existe um espaço de vivência estudantil conhecido como CA. O seu nome se confunde com a entidade que o administra e que responde por ele. O que faz todo o sentido, afinal, quando pensamos em movimento estudantil, não há como não pensar no espaço físico dos centros acadêmicos. As sedes dos CAs são locais de integração dos estudantes, de reuniões e assembléias, de eventos, de festas, enfim. A preocupação com a organização do movimento estudantil também deve incluir a discussão dos espaços estudantis.

Entretanto algumas coisas precisam ficar claras. O espaço é de propriedade da Universidade, ou seja, do Estado. Porém concessão de seu uso é direcionada para o coletivo dos estudantes, e não para atender as vontades de cada estudante em particular. Apesar disso, a confusão entre as idéias de total liberdade (soberania) e autonomia tende a ressurgir inúmeras vezes. O que isto significa na prática? A idéia de autonomia implica na negação da ingerência da diretoria nos centros acadêmicos e nos espaços estudantis, coisa que todos nós concordamos. O princípio de autonomia que ao menos oficialmente existe com as entidades estudantis e seus espaços, ambos reconhecidos pelo Estado, foi fruto de um processo intenso de luta dos estudantes no sentido de obter maiores garantias para o fortalecimento da entidade. A autonomia tem que ser real e que permita a livre organização dos estudantes.

Entretanto, alguns estudantes vêem o espaço do centro acadêmico como um outro país, onde não existem regras e onde todas as suas vontades podem ser realizadas; cria-se uma defesa da 'soberania', muitas vezes distorcendo a idéia de aumento dos direitos para a entidade como o aumento dos direitos pessoais e se esquecendo de

que o centro acadêmico é uma entidade privada em regime coletivo. O CA não está ali para defender cada interesse particular e o nosso centro de vivência não é um tipo de "embaixada" ou "território livre". Lá existe um território público concedido para um grupo de estudantes se organizar, conviver, trocar experiências, discutir. Enfim, ter um espaço de vivência é um direito muito importante para o conjunto dos estudantes. Algo garantido em lei e que é essencial para a construção do movimento estudantil.

Para o CA poder atuar e administrar o espaço, não podemos nos esquecer das finanças necessárias para tanto. Além dos gastos rotineiros com as atividades, manutenções e reformas são necessárias e trazem melhores condições físicas para que os estudantes se reúnam mais e mantenham o interesse pela entidade. Para tanto, o CA precisa de uma política de financiamento adequada, podendo ser dividida em financiamento pela diretoria do instituto ou auto-financiamento, sendo este segundo muito mais importante. O financiamento direto pela universidade possui a problemática do acompanhamento estreito das atividades do CA por parte da diretoria do instituto e, dependendo das relações com tal diretoria, as entidades que se basearem principalmente nesses financiamentos diretos podem ter a sua autonomia comprometida. Cabe então à diretoria do centro acadêmico planejar uma política de financiamento próprio, a qual pode incluir alocação (concessão de uma parte do espaço estudantil por exemplo para restaurantes e lanchonetes), considerada como auto-financiamento ou no máximo financiamento indireto pela universidade, além da geração de estrutura / concessão de certos direitos aos estudantes em troca de uma cotização; por exemplo, imagine que seja montada uma biblioteca e que os alunos pagassem pela carteirinha. Entretanto, a freqüente inexistência de capital inicial para a efetuação dos projetos nos faz novamente repensar o financiamento pela universidade. Assim a proposta mínima é que apenas inicialmente haja maior dependência de financiamento externo até que se crie estrutura, sendo o auto-financiamento posteriormente responsável por mantê-la. Vários argumentos exigindo financiamento pela universidade são mais do que sustentados e podem ser utilizados, entre eles aquele de que a diretoria do centro acadêmico tem a função de gerir o espaço e portanto deveria possuir direito a um financiamento e o outro de que, como o Estado é dono do espaço e o CA é reconhecido pelo Estado, é razoável pensar que a entidade tivesse direito a parte do dinheiro por alocação.

Entretanto é óbvio que esse financiamento externo não é fácil e não será obtido apenas se apoiando nos argumentos colocados acima: são poucos os CAs da

Pra quê Espaço de Vivência? Pra quê as pessoas do CA?

USP que possuem atualmente condições financeiras dignas. Mas em nenhum momento se disse que isso seria fácil. Compreendendo a atual estrutura burocrática da USP e a pequena participação dos estudantes nas decisões da universidade, é razoável imaginar que negociações desse tipo serão tratadas como trocas de favores e não necessariamente como um direito dos estudantes. Assim, os estudantes devem estar atentos às oportunidades que surgirem. Enquanto isso não acontece, os CAs da USP dependem, em sua maioria, da atual condição de financiamento próprio, que é principalmente restrito à promoção de festas, o que é limitante para muitos projetos que possam ser imaginados pelo coletivo. De qualquer modo, é a opção que resta e, na verdade, por ser a principal forma de financiamento próprio atual já deveria ser bastante defendida. Além disso, a promoção de festas possui um outro efeito positivo.

Ao contrário do que muitos acreditam, organização de festas por parte de um centro acadêmico não se trata de um ato de despolitização. seu primeiro dia na USP, as festas são uma constante para qualquer estudante. eventos, os estudantes têm a oportunidade de encontrar pessoas de toda a USP – podendo assim ampliar seus conhecimentos sobre a universidade – então simplesmente de se divertir depois de uma semana nem tão divertida de aulas, trabalho, assembléias, etc. Promover festas é simplesmente entender que nós não somos máquinas de fazer assembléias. realidade, argumentar contra essa liberdade dos centros acadêmicos de promoverem eventos de integração estudantil por se tratarem supostamente de tentativas de alienação acaba por gerar um distanciamento entre o corpo estudantil e as próprias diretorias de CAs, dissolvendo o papel destas no que se refere à representação do coletivo. Organizar festas é um direito dos estudantes e uma alternativa de financiamento, além de uma importantíssima atividade de integração.

Portanto, a tentativa de se incrementar as finanças da entidade CA aliada à defesa dos espaços estudantis e ao incentivo de seu uso para as mais variadas atividades reivindicadas pelo coletivo dos estudantes desenvolvem a aproximação essencial para o funcionamento dos centros acadêmicos e, assim, consistem em elementos indispensáveis para o fortalecimento do movimento estudantil.

Flávia "Flavião" Ferrari (04N)
e Juliano "Xuxu" Polidoro (06D)

Pra que as pessoas do CA?

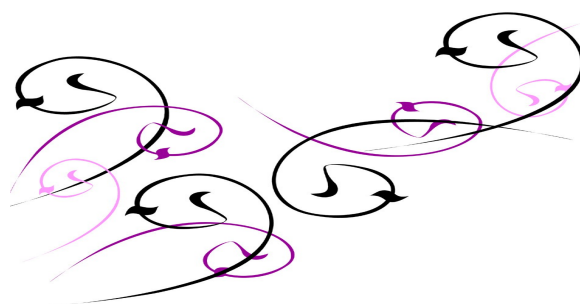
Um dia discutindo com algumas pessoas levantaram a questão "Qual a diferença entre um aluno que é do CA e um que não é?", e na hora da discussão eu não vi nenhuma, na verdade só pensei em exemplos de pessoas que não são do CA e colaboram, participam, se envolvem e estão sempre lá quando é preciso, mais do que as pessoas que são do CA (eu incluso), seja pra emprestar o carro (e tempo) pra compras e transporte ou pra acrescentar argumentos nas discussões.

Eu percebi que essas pessoas fazem parte da construção do CA, embora não tenham colocado o nome na chapa, porque o CA é um espaço aberto, e o legal disso é ter um monte de gente trabalhando para a melhoria dessa entidade, e talvez com um número grande de pessoas conseguir refletir um pouco melhor a comunidade por ela representada.

Mas há uma diferença entre os dois grupos de pessoas, daqueles que colocaram o nome na chapa espera-se mais responsabilidade, e quando a coisa já não vai bem desde aí, fica difícil agregar mais pessoas em torno de idéias e projetos. E a coisa é como um mecanismo de *feedback* positivo, as pessoas do CA organizam alguma coisa, os outros participam, as pessoas do CA se animam pra fazer mais coisas, e as pessoas participam mais, mas tem a outra via também, ninguém aparece, o pessoal desanima, e vai tudo dando errado, e nessa hora que aquelas pessoas que pediram por responsabilidades ao por nome na lista são mais importantes, pra descobrir o que está dando errado, e tentar outras coisas pra tirar as pessoas da rotina de aulas normais.

E fica uma pergunta, vale a pena pegar tal responsabilidade?

Tiago (Yoshi) – 07D



Iniciação científica: Porque não painel

Seguem agora textos que o CABio recebeu ANTES da reunião aberta da CG que decidiu pelas duas formas de iniciação científica. Considerando que agora as pessoas vão escolher, resolvemos publicá-los mesmo assim para maior informação dos alunos.

Porque não painel

A recente decisão da Comissão de Graduação (CG) de modificar a forma de apresentação da Iniciação Científica (IC) gerou bastante polêmica e discussão entre os estudantes de graduação. E também entre os graduados. Como resultado de discussão entre o pessoal das turmas que ingressaram em 2003 (integral e noturno), chegamos a alguns consensos sobre a IC e queríamos compartilhar com o resto da comunidade do Instituto de Biociências (IB). Por isso, enviamos 4 textos a esta edição do RNAm.

Este primeiro trata de apontar os problemas da atual forma de apresentação e da nova forma proposta. Como alguns dirigentes parecem pensar que "aluno só sabe reclamar", também propomos outros textos, comparando nossa IC com a prática em outros lugares, discutindo a relação entre IC e mercado de trabalho e propondo um novo modelo que não vá ao painel e não volte ao que era antes.

Agora, por que não painel? A apresentação das ICs em massa na forma de painel para nós é uma evidência de algo que já parecia claro devido a acontecimentos recentes em disciplinas do instituto: muitos docentes não estão dispostos em dedicar seu tempo à graduação. Quem já foi Representante Discente (RD) na Comissão de Graduação (CG) sabe bem como há muitos docentes que fogem das apresentações de IC e talvez o painel seja uma forma de eles gastarem menos tempo ainda com esse estorvo que são os estudantes. Mas quanto tempo, em média, um professor gasta por ano com isso? Vamos considerar que (1) o IB possui aproximadamente 90 docentes; (2) no máximo, 120 alunos por ano apresentem a IC; (3) são, no máximo, 30 minutos de apresentação para cada um (no formato atual); (4) cada banca possui 3 docentes. Assim, cada docente gastava, em média, 2 horas anuais! Lembrando que é uma estimativa superestimada, já que não são os 120 que entram pela FUVEST que concluem o curso e, dentre os que concluem, isso não ocorre simultaneamente. Além disso, nos últimos anos, têm sido chamados para as bancas professores de fora do IB que orientam estudantes daqui. É claro que, no formato antigo, havia o problema do tempo não ser igualmente distribuído entre os docentes.

Mas isso justifica mudar a forma de avaliação da IC para o painel, que é uma forma tão superficial de avaliação?

A IC aqui no instituto funciona como nosso TCC, é aquele que deveria ser o trabalho mais importante do curso, o que mostra que fomos capazes de integrar conhecimentos e competências adquiridas ao longo de toda a graduação, o que marca a nossa passagem de graduandos a formados. Será que, após tudo isso, já não temos maturidade suficiente para apresentar o trabalho de uma maneira decente e escutar de professores críticas e sugestões para nossa vida futura?

Não que concordemos que o formato antigo fosse bom, já que, dentre outras coisas, os professores nem sequer tinham acesso ao trabalho escrito antes das apresentações. Como pode ser que eles façam boas críticas e sugestões se tomam contato com o que fazemos em apenas 20 minutos (ou uma folha de papel de 100cm x 90cm), junto com outras dezenas de trabalhos? Além disso, pelo formato de escolha das bancas, era possível (e provável) que os professores não entendessem o suficiente do assunto para realizar uma avaliação.

Por tudo isso, a avaliação era focada historicamente na forma de apresentação, e não no conteúdo. Inclusive, um dos argumentos para o novo formato proposto pela CG é que painel é a forma de apresentação mais comum em congressos. Ora, temos certeza absoluta de que os diversos painéis e seminários ao longo das disciplinas de graduação já fizeram esse tipo de avaliação (e, pasmem, avaliaram o conteúdo da apresentação também!). Além disso, aqueles que querem seguir na área acadêmica certamente participaram no mínimo de um SIICUSP ou semana temática. Qual a utilidade, então, de se avaliar somente a forma de apresentação? Se forma e conteúdo não forem avaliados em conjunto, será que a apresentação de IC é realmente necessária? Que fique claro que aqui tratamos avaliação não somente como atribuição de uma nota, mas incluímos no conceito as críticas e sugestões que o trabalho pode (e deve) receber.

Outro possível argumento a favor dos painéis é que eles permitem uma maior divulgação do trabalho pelo instituto, já que ficariam algumas semanas expostos num local específico. Essa idéia é certamente boa, o intercâmbio de conhecimentos é fundamental. Mas esse problema não seria resolvido com uma divulgação antecipada e ampla das bancas de IC, coisa que nunca foi feita? Sendo essa divulgação feita, não seria até melhor que o autor do trabalho estivesse presente para conversar com as pessoas interessadas nele? Esses são alguns problemas que nos fizeram pensar e, mais que isso, tomar uma atitude que foi iniciar esta discussão para divulgar nossas idéias à comunidade do IB. Esperamos que o apresentado nos próximos textos ajude a gerar uma discussão que resulte numa IC melhor do que a atual e do que a nova proposta da CG.

Iniciação científica: Propostas para um novo método de avaliação da disciplina Pesquisa em Biologia

Propostas para um novo método de avaliação da disciplina Pesquisa em Biologia

Se compreendemos que esta disciplina é inadequada no modo de painel, significa que desejamos que retorne ao modelo anterior? Absolutamente não!

O descaso apontado, nos outros textos desta edição, deixa claro que a raiz da baixa qualidade da avaliação do nosso trabalho de final de curso não está na escolha do modelo, painel ou apresentação oral, mas sim na importância que é dada a ele. Porém, o texto "Por que não painel?" nos fornece algumas razões para que acreditemos que o formato de palestra + arguição seja mais adequado a uma disciplina chamada "Pesquisa em Biologia".

"Partindo dos pressupostos de que uma disciplina tem que ter um objetivo claro de aprendizado e que a avaliação, para além de verificar se o aluno atingiu esses objetivos, é uma ferramenta que auxilia o aluno no seu desenvolvimento intelectual, nos perguntamos: qual é o verdadeiro sentido dessa disciplina? Sua forma de avaliação corresponde é coerente com esse objetivo?

Entendemos que o objetivo dessa disciplina é possibilitar ao estudante a oportunidade de realizar uma pesquisa, teórica ou prática, dentro ou fora da academia, que integre conhecimentos e competências adquiridos durante o curso de graduação e de divulgar essa pesquisa para a comunidade do IB, recebendo um retorno dessa comunidade. Buscando maior coerência com esses princípios, sugerimos uma nova forma de avaliação

Estes elementos seriam as partes que formam a estrutura da nova disciplina e estão listados abaixo, junto com sua justificativa:

- Banca composta por 3 membros, sendo um o orientador: O número de membros permanece como o atual, mas conta com o orientador. Atualmente, o trabalho do orientador se limita a fazer uma avaliação contínua do seu orientando, mas sabemos que em muitos casos isso não ocorre. Os orientadores ganham créditos pela disciplina. O mínimo que se espera é que correspondam. Além disso, pode ser uma oportunidade para uma melhor avaliação dos trabalhos realizados fora da USP, quando o orientador oficial no IB pode não ter tanto contato.

- A banca e data podem ser escolhidas pelo aluno: Atualmente, poucos professores avaliam muitos alunos. Essa escolha possibilitaria que a média de 40 minutos anuais (ver texto "Por que não painel?") realmente se aproximasse da realidade. Além disso, o aluno pode escolher professores que entendam seu trabalho e estejam dispostos a avaliá-lo. As datas com certa flexibilidade facilitariam a montagem da banca (atualmente, vários professores parecem estar especialmente ocupados na última semana de cada semestre).

- O manuscrito do trabalho deve ser entregue previamente à banca: Só assim apresentação e conteúdo podem ser avaliados em conjunto. O manuscrito pode ter limitações, como número de páginas, para que com o tempo não se corra o risco de que a exigência aumente a ponto de se aproximar de uma dissertação ou tese.

- Tempo de apresentação de 10 a 15 minutos e tempo de arguição de 10 minutos por representante da banca: É um tempo próximo ao atual, mas permite uma maior interação após a apresentação. Não acreditamos que seja necessário aumentar muito se os professores recebem o texto com antecedência.

- Avaliar a possibilidade de participação de doutores não professores da USP ou talvez pós-graduandos como membros da banca: O IB conta com vários pós-graduandos e pós-docs. Sua possível participação em bancas de IC ajudaria a diminuir ainda mais a carga horária por professor. Aparentemente, há algum impedimento burocrático para que atribuam notas, mas não sabemos se a modificação dessas regras poderia ser feita dentro do IB.

Estas mudanças logicamente acarretam uma série de modificações em regras e procedimentos do Instituto. Além disso, podem incluir novas dificuldades nas quais não pensamos, o que significa que a proposta precisa ser melhor trabalhada pela comunidade do IB. Mas isto realmente impossibilita uma mudança para melhor? Veja no texto sobre os modelos existentes em outras faculdades e universidades e no texto "Por que não painel" e se questione: qual a razão para não termos uma disciplina que avalia o conhecimento científico? Por que a burocracia não deixa ou por que falta vontade?

Várias pessoas 03D

Nota do CABio:

Foi aceita pela CG a possibilidade de Pós-graduandos integrarem as bancas, sempre com um professor dando a nota. Além disso os resumos enviados aos professores de bancas de apresentação também serão enviados à Revista da Biologia, para serem publicados lá, obviamente respeitando todos os critérios para a publicação.

Infelizmente, a nossa revista recebeu poucos trabalhos da Graduação. O CABio convida todos os estudantes de Graduação a escreverem na Revista de Biologia, em especial os matriculados na matéria Pesquisa em Biologia.

A Revista é uma ótima experiência de publicação em periódicos científicos.

Veja mais em: www.ib.usp.br/revista

Iniciação científica: A IC e a vida fora do setor acadêmico

A IC e a vida fora do setor acadêmico

Muito mais do que um trabalho de conclusão de curso, a iniciação científica pode ser um portão de acesso a parcerias com empresas e a atração de recursos privados para a universidade (não somente financeiros, mas também intelectuais). Com essa hipocrisia acadêmica de que biólogo é apenas um profissional de ensino ou pesquisador, essa relação bilateral entre iniciativa privada e a instituição pública não acontece.

Avaliações da CAPES com convidados estrangeiros já afirmaram que nossos laboratórios **NÃO SÃO MENOS EQUIPADOS QUE OS ESTRANGEIROS**. Então qual é a diferença entre nós e as tão nomeadas universidades norte-americanas (como Harvard, Cornell, Yale, etc..)? Uma delas é que empresas fundadas por ex-estudantes de pós-graduação dessas universidades (que nem mesmo chegaram a terminar seu mestrado ou doutorado) acabam por contratar serviços das universidades das quais fizeram parte um dia.

Dentre diversos fatores que não permitem que isso ocorra em nossa escola, podemos citar certa influência da nossa graduação: (1) não temos disciplinas ou mesmo parte delas que nos dêem uma visão aprofundada de um empreendedor; (2) empresas consideram o biólogo da USP acadêmico demais para qualquer serviço empresarial; (3) restrição de orientações de iniciação científica àquelas realizadas dentro da universidade. Não são todos os fatores cruciais para essa diferença, mas contribuem bastante para que ela exista.

A visão de um empresário, ou empreendedor, não é natural na maioria dos casos. Precisa ser estimulada e encorajada para que uma nova empresa ou indústria saia do mundo das idéias e se materialize. Qualquer profissional de diferentes áreas é capaz de ser um empreendedor de sucesso, **INCLUSIVE UM BIÓLOGO**. Não é impossível fazer um esforço para que algum dia, biólogos formados pelo Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo, sejam empresários bem-sucedidos e possam retribuir à sociedade e à universidade o investimento que foi feito em sua formação.

Afinal o que o biólogo faz? Professor ou pesquisador? Essas são algumas perguntas que muitos de nós ouvimos quando mencionamos a faculdade que cursamos ou em que somos graduados. Mas é óbvio que o biólogo é capaz de muitas outras atividades, tais como consultorias ambientais, controle microbiológico de produção industrial (empresas como Gelita e Nestlé, por exemplo), assessoria científica e desenvolvimento de novos produtos, análise de cariótipos humanos, etc. E mesmo assim, com tantas áreas disponíveis no mercado, é impossível que os biólogos sejam absorvidos.

Muitos estudantes de biologia começam a estagiar nessas empresas e necessitam de uma aprovação da comissão de graduação para efetivação ou promoção nesse emprego. Muitas vezes é aí que começa o impasse, pois a comissão não valida o estágio e a pessoa perde a chance de prosseguir nessa carreira. Além disso, a empresa começa a ter uma rejeição por alunos desta mesma escola por saber que o estágio não será validado. Em fases finais de entrevistas de estágios ou empregos nessas indústrias alguns biólogos foram eliminados do processo seletivo porque a empresa considerava que nós somos "acadêmicos demais" para a vaga. **UM BIÓLOGO PODE SEGUIR EM ÁREAS ALÉM DO MUNDO ACADÊMICO E DE ENSINO**.

Esta mesma faculdade não formou apenas docentes e pesquisadores que residem na universidade. Excelentes pesquisadores de outras universidades ou centros de pesquisa também obtiveram seus diplomas aqui. Impedi-los de orientar alunos da mesma escola em que foram formados é justamente o caminho oposto da ciência. Muitos outros pesquisadores formados por outras universidades e pertencentes a outros centros de pesquisa podem enriquecer a diversidade de trabalhos apresentados nas apresentações de iniciação científica. A colaboração entre as universidades pode começar antes da pós-graduação, abrindo os olhos externos ao Instituto de Biociências da USP.

Estas são algumas coisas que poderiam ser diferentes e contribuiriam para extrair o estereótipo do biólogo professor / pesquisador. Se nós que estamos aqui dentro sabemos desse potencial do biólogo por que não mostrá-lo ao mundo fora da vida acadêmica? Atualmente, já é possível realizar a IC fora do instituto (desde que se consiga um orientador formal na USP) e alguns poucos alunos conseguem fazer isso. Contudo, as atuais restrições à realização de estágios fora da universidade têm diminuído muito o potencial dessa modalidade de IC.

A iniciação fora do nosso mundo acadêmico não só é algo positivo do ponto de vista intelectual, pois possibilita a troca de conhecimentos, como também é uma forma de não se dar um tiro no próprio pé. Afinal de contas as universidades não têm capacidade para absorver tantos pesquisadores

Várias pessoas 03D



Iniciação científica: Modelos de Iniciações em outras Universidades

Métodos de apresentações de Iniciações Científicas em outras Universidades

UNESP

Ambas as formas de apresentação (oral ou por painéis) podem ser feitas. A apresentação oral dispõe de retroprojeção e dura 10 minutos, com mais 5 minutos para discussão e debate. A apresentação em painel dura duas horas, sendo que o aluno-autor deve permanecer ao lado do trabalho durante os primeiros 75 minutos para esclarecer alguma dúvida. O painel deve conter 90x90cm. No esquema geral ainda há especificações técnicas sobre montagem na sala. Obs: segundo o site da Unesp, as apresentações são dadas sob forma de congresso, e os melhores trabalhos em cada área (Agrárias, Biológicas, Exatas e Humanas) são premiadas.

UNICAMP

De forma similar ao da UNESP, existe também na UNICAMP um congresso interno para a iniciação científica. Todavia, a apresentação só ocorre sob a forma de exposição de painéis durante dois dias (duas horas por dia). Também aqui existe um esquema de premiação para os melhores trabalhos, em cada área, igual ao da UNESP, mas acrescentando-se "Tecnológicas". Outro fator interessante é que a compilação dos resumos dos trabalhos é digitalizada e disponibilizada em CD-ROM.

UNIFESP

Na UNIFESP também há um Congresso de dois dias de duração para as apresentações de iniciação científica. Os formatos utilizados são tanto apresentações orais (10 minutos de apresentação seguidos de 5 minutos de discussão) e painéis (90 x 90cm e máximo de 120 x 120cm).

UFPR

As exposições acontecem sob forma de congresso durante três dias e envolve apresentações orais (10 minutos, Power Point ou pdf) e de pôsteres (90x90cm), além de palestras e uma mesa redonda ministrada por professores.

UFSCar

Na UFSCar, ocorre o costumeiro Congresso de Iniciação Científica, mas neste caso, não apenas trabalhos de IC são realizados. Também projetos de outros tipos e de outras universidades podem ser apresentados desde que aprovados. As apresentações são orais ou por pôsteres, escolhido pelo aluno-autor.



Workshop sobre macroalgas acontecerá em julho, na Ilhabela

Entre os dias 26 e 29 de julho de 2009, acontecerá na Ilhabela (SP), o "II Workshop: Novos Bioativos de Macroalgas: Manejo e Cultivo, Conservação, Biotecnologia e Técnicas de Bioatividade".

O evento pretende reunir professores pesquisadores, estudantes da graduação e da pós, representantes de empresas, pensadores e interessados, para aprender, ensinar, trocar experiências, apresentar projetos e trabalhos sobre aquilo que vem sendo desenvolvido em torno do tema macroalgas. Além disso, como não poderia deixar de ser, estaremos na Ilhabela! Não faltarão os momentos para a farra dos participantes.

O Workshop será composto de conferências, simpósios, oficinas de trabalho, mini-cursos, apresentações de pôster, apresentações orais e claro, coffee-breaks. O espectro de assuntos será bastante amplo. Inscrevam-se até o dia 10/05! Quanto mais gente, mais idéias, mais ampla a discussão, todos saem ganhando. Mais informações em <http://www2.iq.usp.br/workshopalgas/>. Para contato: workshop.algas@gmail.com.

Matérias da Fisiologia

Assembleia do ano passado e carta enviada à ouvidoria

Há alguns anos, o Departamento de Fisiologia do IB decidiu por interromper o oferecimento das disciplinas de Fisiologia da grade antiga a partir de 2008. Os estudantes das turmas 06D e 05N tiveram então que se adequar à nova grade curricular mesmo com o compromisso de oferecimento da grade antiga para os matriculados até 2006. Nesse sentido, o CABIO decidiu publicar todos os documentos referentes ao caso para informar todos os estudantes a respeito e, inclusive, para dirimir diversas confusões e acusações equivocadas a respeito de uma suposta "culpa" dos estudantes.

CARTA DELIBERADA NA ASSEMBLÉIA de 2/4/2008

À comissão de graduação,

Os alunos do IB reunidos em assembléia no dia 2 de abril de 2008 vêm por meio desta repudiar a forma como foi implementada a mudança da antiga grade pela nova e pede informes, posto que as disciplinas já foram implementadas esse semestre, quanto a:

-Mudança de semestre da disciplina BIF217, equivalente a Físio I e que não é mais dada junto a equivalente a Físio III.

- Falta de planejamento na matéria BIF217 quanto às aulas práticas.

-A forma como a equivalência foi decidida levando em conta apenas o semestre em que a matéria era dada e não o conteúdo e por fim nem esse critério foi seguido.

-A quebra do acordado na reunião desta comissão no dia X quanto ao número máximo de alunos como consta na ata X em anexo*.

Recomendamos que estes problemas sejam sanados dado que a última turma da grade antiga (turma 72/06) vai cursar a disciplina equivalente a físio III segundo sua grade ideal apenas no segundo semestre de 2010.

Portanto para que tais problemas não se repitam nos anos subsequentes é necessário um maior empenho desta comissão para garantir a boa formação dos alunos deste instituto.

Assembléia dos estudantes de biologia

*Ata ainda a se confirmar, já solicitada a sessão de alunos.

Carta enviada à ouvidoria da Comissão de Graduação

Sou aluno de graduação da Universidade de São Paulo pelo Instituto de Biociências. Gostaria, por meio deste email, de fazer uma grave denúncia de descaso com os alunos de graduação no referido instituto.

Recentemente a grade do curso de graduação em Ciências Biológicas oferecido pelo IB sofreu uma grande reestruturação. Muitas disciplinas do antigo currículo deixaram de existir ao passo que outras sofreram redução de créditos. Quanto a isso, nenhum problema, afinal de contas a grade foi decidida em conjunto e aprovada pela Comissão de Graduação.

Entretanto, com a finalidade de não prejudicar os alunos que ingressaram anteriormente e continuavam a seguir o antigo currículo, o IB fez acordo com todos os seus departamentos onde ficara decidido que os professores lecionariam disciplinas nas duas grades curriculares até que a transição fosse concluída. O acordo foi quase que em sua plenitude cumprido.

Porém, o Departamento de Fisiologia deste instituto optou por não respeitar mais ao acordo, passando a lecionar apenas as disciplinas do novo currículo, o qual apresenta apenas a metade dos créditos em relação àquele do currículo anterior. Não bastando a falta de respeito que a redução de créditos já representa, há ainda a super lotação de classes de aula, uma vez que AGORA DUAS TURMAS DEVEM CUMPRIR A MESMA DISCIPLINA AO MESMO TEMPO, prejudicando absurdamente a qualidade do ensino prestado pelo IB. Mas, infelizmente, os problemas vão além. Com a super lotação de salas de aula, muitos alunos não estão conseguindo matrícula nas disciplinas ofertadas pelo Departamento de Fisiologia, MESMO ESTANDO EM SEU PERÍODO IDEAL.

Nesse semestre, particularmente, a situação é mais grave. Muitos alunos que estão em seu último ano não estão conseguindo vaga e correm o risco de ter de passarem mais um semestre ou dois na Universidade apenas pelo capricho desses falsos professores, que na verdade só querem fazer pesquisa e encaram a atividade de lecionar como um verdadeiro fardo em suas vidas profissionais. A minha reclamação seria, a priori, para o Departamento de Fisiologia do Instituto de Biociências, mas infelizmente sou obrigado a estender a queixa para a Diretoria do IB uma vez que, mesmo sabendo do ocorrido, não tomou nenhuma atitude. Peço que a Ouvidoria desta tão prestigiada Universidade faça algo a respeito, encaminhando esse abuso para os órgãos competentes da USP. Peço ainda, se possível, que o recebimento desse email seja confirmado. Desde já agradeço em nome de todos os graduandos do IB USP.

Atenciosamente, Bruno Motta da Silva

Matérias da Fisiologia

Resposta do Instituto à carta enviada à ouvidoria

Senhor Diretor

Em atenção ao Ofício da Ouvidoria Geral – 023/2009, vimos esclarecer os seguintes fatos:

Durante todo o processo de implantação da nova grade o Departamento de Fisiologia esteve preocupado em tomar as atitudes necessárias para garantir a qualidade do ensino e o processo formativo do aluno.

1 – no ano anterior à implantação da atual grade curricular do curso de Ciências Biológicas do Instituto de Biociências, os representantes discentes, na ocasião, nos apresentaram um levantamento do número de alunos da grade antiga, que iriam cursar as novas disciplinas do Dep. de Fisiologia. Segundo aquele levantamento, teríamos entre 20 a 30 alunos a mais por turma. Considerando a infra-estrutura disponível e o quadro docente do Departamento, esse número de alunos não justificava a oferta, em paralelo, das disciplinas das duas grades.

2 – a redução do número de créditos para quatro, nas disciplinas da grade nova, não implicou em prejuízo no seu conteúdo, e exatamente por este motivo o Departamento deu equivalência plena entre as disciplinas atuais e as antigas.

3- não só todos os alunos que estão em seu período ideal do curso, mas todos os que solicitaram matrícula nas disciplinas do Dep. de Fisiologia neste semestre foram aceitos para cursá-las. Devemos ressaltar que o que se espera é que os alunos deste Instituto, e por extensão desta Universidade, pública e gratuita, façam os cursos no período ideal, em respeito à população paulista, que paga os impostos que sustentam toda a excelente estrutura de que usufruem. A escolha de cursar as disciplinas não no semestre ideal é do aluno, o Departamento apenas se preocupou em garantir que o conteúdo necessário para a formação do biólogo fosse fornecido. Essa atitude foi do Instituto como um todo, tendo cada departamento resolvido as particularidades de acordo com a suas características e disponibilidades.

4 – as disciplinas serão ministradas em salas com acomodação suficiente para todos os alunos que freqüentarem regularmente as aulas, teóricas ou práticas. Em todos os momentos sempre houve disponibilidade dos professores, para atender os alunos e tentar resolver circunstâncias particulares.

5 – repelimos veementemente os termos desairosos que o reclamante nos imputou. Os docentes deste Departamento prezam igualmente todas as atividades que lhes são atribuídas e que constituem a essência da dedicação exclusiva à pesquisa, extensão e docência em todos seus níveis. 11

Matérias da Fisiologia

Resposta à carta da comissão de graduação

Carta elaborada em assembléia dos estudantes de Biologia no dia 22/4 e enviada à Ouvidoria

Ao Srs. Prof. Dr. Wellington Braz Carvalho Delitti e Profa. Dra. Maria Aparecida Visconti

Nós, alunos do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo, encontramos-nos extremamente decepcionados pela resposta dada pelos professores do Departamento de Fisiologia deste Instituto ao aluno Bruno Motta da Silva, reclamante em uma carta enviada à Ouvidoria Geral da USP. Entendemos e esperamos que o Departamento esteja realmente preocupado em tomar as atitudes necessárias para garantir a qualidade do ensino e o processo formativo dos alunos do Instituto. Mas não entendemos alguns dos pontos colocados pelos professores na resposta encaminhada ao Diretor do Instituto, Prof. Dr. Wellington Braz Carvalho Delitti.

Discordamos que um Representante Discente tenha afirmado que existiriam apenas entre 20 e 30 alunos a mais por turma. Nenhum aluno poderia fazer tal levantamento senão os funcionários da Seção de Graduação, já que só ela tem acesso às fichas de alunos e das disciplinas já realizadas por cada um. É de afirmação de um funcionário desta Seção que apenas eles poderiam fazer esse levantamento.

Considerando que as disciplinas de Fisiologia eram ministradas no segundo semestre do 2º ano e primeiro e segundo semestres do 3º ano para a grade antiga e durante todo o 2º ano para a grade nova, parece claro que existiria uma sobreposição de duas turmas inteiras pelo menos no primeiro e segundo anos da implantação da grade nova, resultando nos problemas que foram apontados pelo aluno Bruno Motta da Silva: dificuldade de fazer matrícula e classes superlotadas.

À época anterior à implantação, ano de 2006, os Representantes Discentes, cientes de que deixar de ministrar as disciplinas da grade antiga traria conflitos para os alunos deste Instituto, manifestaram-se para pedir que as disciplinas antigas e novas da Fisiologia fossem ministradas nos mesmos dias, para que conflitos de grade fossem evitados. Isso foi atendido pelos professores do Departamento de Fisiologia, com exceção da disciplina BIF0213 (Fisiologia Humana e Comparativa III), que era ministrada às sextas feiras, manhã e tarde, para a turma de Ciências Biológicas Integral e foi substituída pela disciplina BIF0214 (Mecanismos e Adaptação do Controle Interno, Reprodução e Defesa), que é ministrada às quartas-feiras de manhã. Essa mudança no horário causou conflito para os alunos do Integral que estavam fazendo as disciplinas em período ideal; isto porque todos os departamentos do Instituto de Biociências optaram por continuar ministrando as disciplinas da grade antiga para os ingressantes até 2006, até que os mesmos se formassem, enquanto o Departamento de Fisiologia foi o único que deixou de oferecer as disciplinas antigas e decidiu incluir os alunos que deveriam fazer a grade antiga nas mesmas turmas que os alunos ingressantes em 2007.

Assim, os alunos que tentaram se matricular na disciplina equivalente à BIF0213, mas que havia mudado de horário, tiveram conflito com a disciplina BIE0312 (Ecologia Vegetal). A maioria dos alunos resolveu esse problema matriculando-se em matérias com o noturno, fora de seu período de curso (integral x noturno).

Sobre a questão do período ideal de curso, pouquíssimas disciplinas no Instituto de Biociências apresentam pré-requisitos, o que parece deixar os alunos deste Instituto livres para cursarem as disciplinas quando preferirem, inclusive com o Manual de Gradação trazendo as disciplinas em cada ano como uma “sequência aconselhada”, não obrigatória. Quando o Departamento de Fisiologia, em desacordo com os outros departamentos do Instituto, decidiu por não mais oferecer as disciplinas, ele mesmo causou problemas, pelo menos para o curso Integral de Ciências Biológicas, causando conflito entre duas disciplinas, como já mencionado acima e fazendo com que alunos tivessem que sair do seu período (ano) ideal ou mudar de turma (do integral para o noturno). Os professores do Departamento de Fisiologia, sabendo que iriam optar por não mais oferecer as disciplinas antigas, deveriam ter tido o cuidado de alertar os alunos deste Instituto que, eventualmente, estivessem alterando as disciplinas do seu período ideal para possíveis conflitos futuros. Ressalta-se, mais uma vez, que se os professores tivessem optado por continuar ministrando as disciplinas antigas, não existiriam problemas com as turmas, como não houve nos outros Departamentos deste Instituto.

Também não entendemos como a redução do número de créditos não implicou em prejuízo de conteúdo. Uma comparação da ementa das disciplinas antigas do Departamento de Fisiologia com as novas claramente revela que parte do conteúdo de cada uma das três disciplinas antigas foi retirado destas e incluído em uma quarta disciplina do departamento de Fisiologia, a saber: BIF0216 – Mecanismos e Adaptação da Osmoregulação, Nutrição e Locomoção. Parece claro aos alunos que as equivalências entre as disciplinas não poderiam ser diretas (BIF0211 – BIF0217; BIF0212 – BIF0215; BIF0213 – BIF0214), mas pelo menos uma delas (senão todas), deveria incluir como equivalente também a disciplina BIF0216.

Todos os alunos que solicitaram matrícula nas disciplinas do Departamento de Fisiologia neste semestre foram aceitos para cursá-las, mas não à época em que o aluno Bruno Motta da Silva enviou carta à Ouvidoria Geral da USP. À época em que está datada a resposta dada pelos professores deste Departamento, 20 de Fevereiro de 2009, todos os problemas se resolveram. Não foi em todos os momentos em que houve disponibilidade dos professores para resolver circunstâncias particulares. Pelo menos não é isso que alguns de nós testemunhamos.

O aluno Bruno Motta da Silva reconhece os exageros na sua carta à Ouvidoria Geral da USP e está disposto a se desculpar por estes com os professores do Departamento de Fisiologia do IB/USP. Mas insiste nas suas reclamações apontadas na carta e nós, alunos do IB/USP, concordamos com a mesma e enviamos mais esta carta à Ouvidoria Geral da USP, à Comissão de Graduação e ao Conselho do Departamento de Fisiologia, entendendo que a resposta dada pelos professores do Departamento de Fisiologia deste Instituto não foi adequada.

EREB-SE

A sociedade vive um período intenso de crises: crise econômica, ambiental, ética, social, política, cultural. E a universidade, como parte dessa sociedade, também é atingida por essas crises. Porém, além delas, enfrenta também uma crise própria, fruto de contradições entre seu papel ideal e o papel real que exerce nessa sociedade.

Frente a esse panorama caótico, é imprescindível que nós, universitários, assumamos um posicionamento crítico, refletindo primeiramente sobre o nosso papel como cidadãos, estudantes e futuros profissionais. E é dessa necessidade que surge o tema do XX Encontro Regional de Estudantes de Biologia da Região Sudeste (EREB-SE), que será realizado na Unesp de Botucatu, entre 11 e 14 de junho deste ano: "O papel do Biólogo e a Universidade que o forma".

Antes de continuar, porém, é bom falar um pouco sobre o próprio EREB:

O Encontro Regional dos Estudantes de Biologia (EREB) é um evento anual organizado pelos estudantes em cada região geopolítica do Brasil. Através de atividades como palestras, círculos de cultura, vivências e atividades culturais, busca-se sensibilizar os estudantes para os problemas sociais, ambientais, econômicos e políticos da região, promover a reflexão sobre seu papel enquanto sujeitos atuantes na transformação desse mundo e contribuir para uma formação complementar e humanizadora dos biólogos. Além de promover o diálogo entre os estudantes de Biologia dos diversos estados de cada região, representar um espaço de formação e de possibilitar trocas de experiências e socialização das atividades desenvolvidas por cada escola durante o ano, contribuindo para o planejamento dos próximos passos do movimento estudantil da Biologia.

O Encontro não representa um evento isolado. Encontra-se inserido no contexto do Movimento Estudantil de Biologia (MEBio), juntamente com os outros encontros: o Encontro Nacional dos Estudantes de Biologia (ENEB), o Conselho Nacional dos Estudantes de Biologia (CONEBio) e o Curso de Formação Política da Biologia (CFPBio).

Agora, voltando ao tema do EREB-SE deste ano...

É hora de nos questionarmos sobre: qual biólogo a universidade quer formar? Para quê? Para quem? É essa a universidade que a sociedade quer ou de que precisa? Qual é o nosso papel como profissionais?

Assim, convidamos todos os estudantes de biologia (e todos aqueles que quiserem) para participarem do Encontro, para que, juntos, possamos pensar, trocar experiências e criar propostas.

Ocupemos os espaços que nos são abertos (em qualquer uma das esferas das quais pertencemos), sempre buscando e propondo alternativas e lutando para alcançar as transformações que almejamos, sejam elas para um curso, para a universidade, para um bairro, para uma cidade, para o nosso planeta.

Programação:

Quinta-Feira

Manhã: Chegada e Credenciamento; Organização dos mutirões e práticas permaculturais para promover estruturas para o encontro e sensibilização

Tarde: Boas vindas e Mesa de abertura

Noite: Pré-vivência; Cultural (apresentação das delegações e bandas)

Sexta-Feira

Manhã e Tarde: Vivência

Noite: Pós-vivência; Cultural (jongo, break, bandas)

Sábado:

Manhã: Círculo de cultura (subsídio na discussão - meio ambiente, ciência, educação, economia solidária, gênero, software livre, entre outros temas...)

Tarde: Mesa temática

Noite: Oficinas / cine ereb; Jornada Cultural (mística e teatro, feira de troca e festa junina)

Domingo:

Manhã: Plenária e Avaliação do encontro

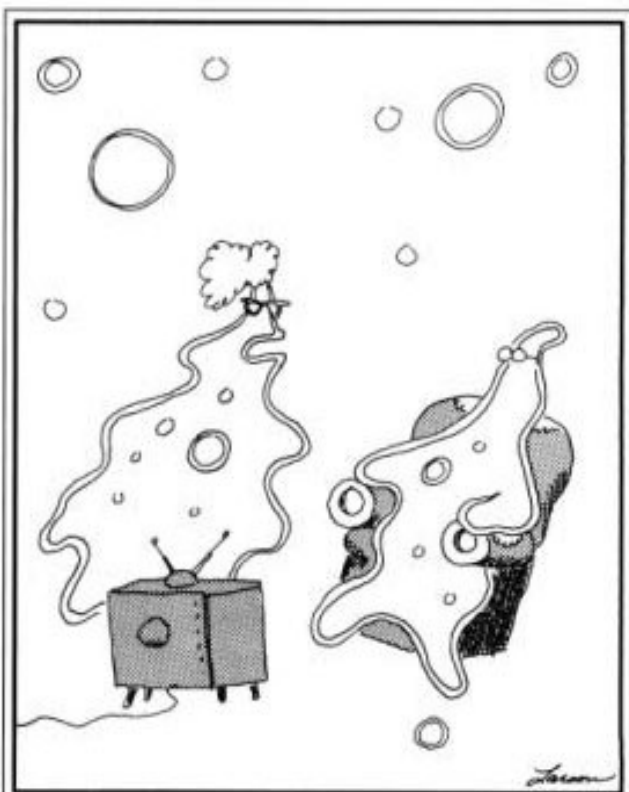


Momento Lúdico

O NOSSO CLÁSSICO SUDOKU E GARY LARSON

4			9	8		6		
	6		1			2		
	1						9	
8		5		7				9
	4	9		3			8	
6								
								2
		4		1	2		3	
					3	8	5	

	1	5			3			
6		9						5
							7	9
				4				6
8							5	
	4	2						
2			1				4	
		3		9	6			1
4			2					



"Stimulus, response! Stimulus, response! Don't you ever think?"



O RNAm é uma publicação dos Estudantes de Biologia, com o apoio do Centro Acadêmico de Biologia – SPHNCABio-USP e os textos publicados são de responsabilidade de seus autores.

Fechamento desta edição:
2 de maio de 2009